



comunidadesegura

Boas práticas *em revista* Ano II · Número 3 · Junho 2010

Haiti

PÓS-TERREMOTO

os esforços pela reconstrução



Tecnologias sociais inovadoras contribuem para a retomada do desenvolvimento do país

Viva Rio

SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO

O envolvimento do Viva Rio em Bel-Air se articula em torno de ações conjuntas de segurança e desenvolvimento propriamente dito. Em matéria de segurança e redução de violência, projetos como o *Tambou Lapè (Tambores da Paz)*; *Bèlèvèt (Bel-Air Verde)*; Reinserção de crianças vítimas de violência; Proteção dos direitos da criança e Gingando Pela Paz enfatizam a importância da transformação social com participação constante dos habitantes.

No que se refere ao desenvolvimento local, projetos como *Dlo Fanm Santé (Água, Mulheres e Saúde)* e *Fatra Pa Gen Pye (Lixo não tem pé)* contribuem para colocar à disposição das comunidades do bairro de Bel-Air serviços básicos, como fornecimento de água, com foco no saneamento da área para a melhoria das condições de vida da população – evitando, assim, doenças graves decorrentes de falta de higiene.

Por meio destes projetos, experimentados, em sua grande maioria, nas favelas brasileiras, o Viva Rio exporta tecnologias sociais inovadoras para a realidade haitiana. A aplicação desses projetos é amplamente facilitada pela presença física da

ONG no centro da sua zona-alvo: Bel-Air. O Viva Rio mantém sempre uma postura de facilitador e de catalisador de energias positivas de todos os setores da vida social deste grande bairro histórico e cultural.

O dia 12 de janeiro mudou o curso do projeto. Quase todas as escolas de Bel-Air nas quais o Viva Rio havia implementado o projeto de captação de água da chuva foram destruídas pelo tremor. São milhares de mortos e a situação socioeconômica dos haitianos piorou. O centro comunitário *Kay Nou* se tornou um acampamento com quase duas mil pessoas, entre elas mulheres grávidas, feridos e crianças que perderam seus pais.

Mas a esperança ainda pode ser vista nos rostos e em cada pequeno gesto, desde a aurora até o anoitecer de cada dia. É isso que motiva o Viva Rio a reforçar suas ações neste bairro, que não pode morrer, e que certamente injeta ânimo e vida às outras comunidades de Porto Príncipe.

Daniela Bercovitch

Coordenadora de Relações Institucionais e Comunicação – Haiti



A Comunidade Segura - Boas práticas em revista e o site ComunidadeSegura.org fazem parte dos projetos desenvolvidos pelo Viva Rio na área de Segurança Humana. Ambos foram concebidos em conjunto com nossos parceiros para servir como ferramenta de trabalho a pessoas, organizações, redes e grupos interessados em temas relacionados à área.

O conteúdo desta publicação foi retirado do site www.comunidadesegura.org, onde você vai encontrar artigos e dossiês em português, inglês, espanhol e francês.

Coordenadora de projeto:

Mayra Jucá
mayra@vivario.org.br

Editora da revista:

Shelley de Botton
shelley@vivario.org.br

Equipe Comunidade Segura:

Shelley de Botton, Lis Horta Moriconi, Andrea Domínguez, Marina Lemle e Mariana Mello.

Colaboradores:

Daniela Bercovitch, Eduarda Hamann, Berdine Edmond, Joachin Guillaume e Widlyn Dorneville.

Traduções:

Mariana Mello, Alexandra de Vries e Rachel Mäitre.

Capa:

Foto Joachin Guillaume

Programação visual:

Domingos Sávio – Imagem & Texto

Agradecimentos:

Ao Governo da Noruega, à Norwegian Church Aid, Act International, governo do Canadá, governo do Brasil, BID, Unicef, RVC da Minustah (Seção de Redução da Violência), prefeituras de Cité Soleil, Porto Príncipe e Delmas, Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicação, Ministério da Ação Cívica, Juventude e Esportes, Polícia Nacional do Haiti, CNDDR e ao Brabat.

Presença das Nações Unidas no Haiti

DESAFIOS DE UMA MISSÃO DE PAZ MULTIDIMENSIONAL

Eduarda Hamann

O Haiti tem uma história bastante complexa desde o século XVIII, quando foi considerado a “pérola das Antilhas”, até sua classificação como a nação mais pobre do Ocidente, no século XXI. Desde sua independência, em 1804, a República do Haiti (*Repiblik Dayti*, em *créole*) enfrenta contínuos desafios para garantir a estabilidade política, o crescimento econômico, infraestrutura básica e um mínimo de segurança para a população. Durante 200 anos, diversos golpes de Estado e a presença de elites políticas autocentradas forneceram as bases para a construção de um país que quase não funciona.

Recentemente, na década de 1950, o regime dos Duvaliers (1957-1986) começou a usar a estrutura estatal para perseguir e executar adversários políticos ou quem oferecesse ameaça ao regime. Milhares de pessoas foram assassinadas ou exiladas por Papa Doc (François Duvalier), sucedido por seu filho, Baby Doc. Por 30 anos, os haitianos enfrentaram repressão, prisões arbitrárias e violações de direitos humanos, tentando resistir utilizando não só a violência armada, mas também com ondas de mobilização que só ganharam apoio internacional na



Moradores convivem com o lixo e água contaminada.

década de 1980, principalmente nos Estados Unidos.

Nas eleições de 1990, o padre Jean-Bertrand Aristide subiu ao poder e formou um governo com o primeiro-ministro René Préval naquela que foi considerada a primeira eleição livre do país. Meses depois, no entanto, houve outro golpe de Estado, desta vez liderado pelo general Cédras, que permaneceu no poder até 1994, apesar dos embargos impostos pela ONU ao comércio de petróleo, armas e outros produtos.

Em 1993, durante o regime golpista, o então exilado Aristide negociou, com o apoio dos EUA, o primeiro envolvimento da ONU no país por meio da Missão Civil Internacional no Haiti (MICIVIH), uma missão conjunta com a Organização dos Estados Americanos (OEA), criada em fevereiro de 1993, com mandato para monitorar a situação dos direitos humanos no país. Depois que Aristide voltou ao poder, no final de 1994, o mandato da MICIVIH foi levemente expandido.



Quiosque público para fornecimento de água.

Nos dez anos seguintes, a ONU aprovou uma série de missões para o Haiti, com mandatos também limitados. A ONU não podia negociar uma missão mais robusta e o simples fato de autorizar uma nova missão a cada dois anos (em média) teve um impacto negativo sobre a legitimidade das Nações Unidas e sua capacidade de lidar com o Haiti.

Uma iniciativa mais completa foi estabelecida pelo Conselho de Segurança em abril de 2004, com a criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Desde o início até o seu formato atual (mesmo após o terremoto de 12 de janeiro de 2010), a MINUSTAH tem mandato explícito para apoiar o governo haitiano em três pilares:

1. Assegurar um ambiente seguro e estável;
2. Apoiar o processo político; e
3. Promover e proteger os direitos humanos.

Esta estrutura permite que a MINUSTAH seja categorizada como “missão de paz multidimensional”, com uma estrutura na qual os

militares, a polícia e os civis estão todos sob a responsabilidade de um civil apontado pelo secretário-geral das Nações Unidas, geralmente organizado em conjunto com uma equipe local da ONU.

Em meados de janeiro de 2010, o Conselho de Segurança incluiu um pilar temporário, relacionado à reconstrução física e à ajuda humanitária das vítimas do terremoto. Este tipo de missão é, sem dúvida, um passo adiante se comparado com as primeiras missões de paz que envolviam países como principais atores e dependiam sobretudo das ações militares, como o monitoramento de um cessar-fogo. Na década de 1960, a ONU passou a reconhecer a relevância do ciclo do conflito e de alguns problemas internos e, ao desenhar novas ferramentas para a manutenção da paz, o Conselho de Segurança começou a enviar policiais para o terreno. Desde o início dos anos 1990, em nova evolução, devido à necessidade de integrar a manutenção e a construção da paz em uma única missão (em casos específicos), uma estrutura multidimensional passou a fazer parte da agenda das Nações Unidas.

Hoje, os militares continuam sendo um componente-chave das missões de paz mas, lado a lado com os 85.275 soldados e 2.350 observadores militares que estão hoje empregados nas 15 missões de paz da ONU, existem cerca de 13 mil policiais e 18 mil civis (tanto estrangeiros quanto locais). Estes números, de fevereiro de

2010, demonstram o aspecto multidimensional da maioria das operações de paz atuais e destaca a necessidade da coexistência dos diversos atores.

Apesar de este conceito existir desde a mobilização da primeira missão ao Haiti, em 1993, levou algum tempo até que a estrutura multidimensional fosse consolidada dentro da própria ONU.

Assim, a MINUSTAH é a primeira missão da organização no Haiti a efetivamente integrar civis, policiais e militares – pelo menos nos níveis operacionais e estratégicos – e isto aumenta a expectativa em relação à manutenção da segurança e à promoção do desenvolvimento real do país. A despeito da tragédia do terremoto, ou até mesmo por causa dela, os três tipos de atores continuarão a interagir no terreno.

Até momentos antes do terremoto, em menos de seis anos, a MINUSTAH chegou a prover um nível mínimo de segurança, especialmente em Porto Príncipe, e essa conquista se deve ao seu componente militar. No entanto, prover segurança é uma condição necessária mas não suficiente para o sucesso de uma missão multidimensional. A MINUSTAH agora enfrenta outros desafios em busca da normalidade e para voltar a promover o desenvolvimento sustentável, o que deve ser alcançado com a assistência dos componentes civis e policiais em parceria com autoridades haitianas, a população local e outros esforços da comunidade internacional. ■

Tambou Lapè

uma experiência positiva

Daniela Bercovitch

Bairro histórico e cultural de Port-au-Prince, Bel-Air experimentou um período de prosperidade até 1940. Com a explosão demográfica, o bairro e suas imediações foram invadidos por moradias precárias e pelo comércio de rua, dando início a um processo de favelização (degradação do tecido urbanístico e o crescimento descontrolado).

Os problemas adquiriram dimensão política em 2004, quando o bairro passou a apresentar um aspecto anárquico e as disputas políticas fizeram muitas vítimas: um cenário onde os confrontos entre gangues armadas eram comuns.

Um recenseamento feito pelo Viva Rio mostrou que 40% da população fugiu de Bel-Air durante esse período de distúrbios. A pirâmide demográfica do bairro no início de 2007 reflete uma mudança drástica: as famílias retiraram seus filhos do local nos períodos de violência. Prova disso é que, uma segunda pesquisa, feita em dezembro de 2007, mostra que mais de dois terços das crianças já estavam vivendo novamente na área.

No Haiti, assim como em outros países, os jovens constituem o principal grupo de risco da violência urbana. Estão mais expostos aos riscos externos, são

mais agressivos e vitimizados em contextos violentos. Organizados informalmente, os jovens do Haiti têm influência considerável nos bairros desfavorecidos.

Isso é verdade, sobretudo, em Bel-Air e nas suas imediações, lugares conhecidos por uma poderosa e ativa cultura de rua. São 14 localidades articuladas em cinco zonas rivais: Fort National, Bel-Air, Delmas 2, Solino e La Saline/Fortouron. Essa situação se agravou ainda mais depois do terremoto de 12 de janeiro.

Um projeto de pacificação, portanto, deve incluir todas as zonas vizinhas e alguns elementos têm que ser considerados. Os comandos locais formam um comando comunitário de fato, não eleito, mas reconhecido como base organizada da sociedade local. Herdeiros do tempo de Aristide que lhes deu muito poder ao ponto de fornecer armas a algumas das bases, são muito sensíveis à política e dela espera obter benefícios. Cada localidade tem uma ou muitas bandas de rua que praticam um estilo tradicional de cantos e dança, chamado *rará*. Um grupo de *rará* pode ter 50 participantes regulares. Por fim, a atividade criminosa dos grupos do poder paralelo tem uma história recente de violência

armada. Esses elementos se cruzam de forma dinâmica. Seus membros estão geralmente associados a uma das dimensões mais do que a outra. No entanto, formam o perfil complexo da base.

Tambou Lapè I

O projeto Tambou Lapè tem por objetivo a redução da violência comunitária e a gestão de conflitos na zona de intervenção do Viva Rio. Em maio de 2007, um primeiro acordo de paz foi assinado entre as bases rivais de Delmas 2, Bel Air, Solino, La Saline/Fortouron. A assinatura teve lugar na própria Comissão Nacional de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (CNDDR), com a presença do presidente da Comissão, Alix Fils Aimé, do diretor do Viva Rio, Rubem César Fernandes, e dos chefes das quatro zonas rivais de Bel-Air.

Os termos desse acordo incluem sorteio de bolsas de estudo após um mês sem morte violenta resultante de conflitos; bolsas de estudos de formação profissional para os jovens membros dos grupos *rará* após dois meses sem morte violenta; promoção de eventos culturais em uma das quatro zonas do bairro.



Sorteio de bolsas de estudo faz parte do acordo de paz.

violentos. Os 15 melhores grupos tiveram a oportunidade de gravar um CD que é tocado em programas de rádio. Com isso, os artistas não apenas passam à condição de amadores, mas também têm um reforço financeiro, fortalecendo as instituições nacionais de rap *kreyol* (Rap Forum e Koze Kreyol).

Todos os meses são realizados encontros entre a Polícia Nacional do Haiti, a CNDDR, o Batalhão Brasileiro (Brabat) e o Viva Rio com o objetivo de discutir a segurança da comunidade e identificar as mortes violentas.

Tambou Lapè II

Em janeiro de 2008, a libertação de ex-prisioneiros gerou um aumento da tensão e da insegurança em Bel-Air. Um deles foi assassinado pelos chefes locais. No mês seguinte, a tensão aumentou ainda mais nas regiões do mercado, no baixo Bel-Air e em Bel-Air. Apenas no mês de janeiro, cinco assassinatos foram registrados em razão de violentas disputas.

Um segundo Acordo de Paz foi assinado em 15 de maio de 2008 por 14 chefes no CNDDR, desta vez com a presença de membros do Programa de Redução da Violência Comunitária da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah), do embaixador brasileiro, Igor Kipman, de representantes do Ministério das

Relações Exteriores do Canadá e da Noruega e da Agência de Cooperação e de Desenvolvimento Internacional (ACDI).

O Acordo de Paz II foi celebrado em La Saline, com a participação de bandas *rará* rivais. Foram incluídas no acordo duas outras zonas (Fort National e Corridor Bastia), ampliando a cobertura para 14 bases; o número de bolsas de estudo foi aumentado para 14 e as bolsas de estudos profissionais foram dadas para 14 músicos das bandas *rará*. O benefício das bolsas de estudos, no entanto, continuava condicionado à ausência de mortes violentas. Além disso, um novo estímulo foi proposto aos chefes comunitários, considerados corresponsáveis pela manutenção de um ambiente de paz na sociedade local: um prêmio no valor de US\$ 1.000,00 ou uma motocicleta.

O projeto promove também concursos de *hip hop* entre as comunidades rivais. Em um deles, participaram mais de 100 grupos provenientes de diferentes bairros de Porto Príncipe considerados

Tambou Lapè III

Em maio de 2009, foi assinado o terceiro Acordo de Paz que incluiu as mulheres como líderes comunitárias. Uma avaliação dos outros acordos constatou que o grupo de líderes comunitários era formado apenas por homens. Nesse novo acordo, foram incluídos também cursos para os líderes e membros do fórum comunitário da CNDDR.

A avaliação mostrou também que os educadores e familiares das crianças beneficiadas com as bolsas não tinham participação significativa. Por essa razão, foi proposto que eles fossem integrados ao comitê da escola encarregado de sensibilizar alunos, pais e diretores sobre temas como resolução pacífica de conflitos, higiene e saúde.

Em 1º de maio de 2009, foi lançada uma campanha para que a Grande Bel-Air se tornasse uma zona verde tanto em relação à segurança quanto em relação ao meio ambiente. Para isso, foi criada uma cooperativa de plantas para o reflorestamento de Bel-Air e lançada uma petição assinada por mais de

40 mil habitantes reivindicando uma Bel-Air verde.


Tambou Lapè IV

Das centenas prisioneiros foragidos do Presídio de Porto Príncipe por causa do terremoto, muitos foram se esconder principalmente em Citè Soleil e alguns em Bel-Air. A presença dos criminosos pode se tornar uma fonte de retomada de conflito entre as zonas. Alguns presos foram agredidos pela população que não quer ver o retorno da violência ao seu bairro. Outros estão sendo procurados pelo novo contingente brasileiro da missão de paz em uma operação conjunta com a Polícia Nacional e a polícia da ONU. A violência se verifica também de outras formas, como os abusos,

a violência contra as mulheres e os linchamentos, uma vez que grupos violentos se mantêm organizados em torno de atos criminosos.

Por isso, foi necessária a assinatura do quarto acordo de paz. A renovação inclui novas propostas como, por exemplo, um *workshop* de dois dias financiado pela seção da Minustah Redução da Violência Comunitária (RVC, antigo DDR) com a participação de todos os líderes comunitários signatários do Acordo de Paz. Durante o *workshop* serão abordados temas ligados à definição do papel do líder comunitário; serão apresentados os termos do acordo de paz; será criada uma comissão de segurança comunitária (líderes comunitários pagos pela CNDDR), de uma comissão facilitadora dos

projetos de desenvolvimento (jovens voluntários, músicos de banda *rará*) e de uma comissão de luta contra a violência doméstica formada de mulheres, pastores e diretores de escolas. Além disso, seriam oferecidos no centro comunitário *Kay Nou* quatro seminários por semana sobre diferentes temas abertos e propostos pelos próprios líderes.

Apesar de tudo, depois de três anos, é evidente que a população está cansada da violência e de ser manipulada pelas forças políticas. A participação de diferentes camadas da comunidade na luta contra a violência, a integração das forças de ordem na comunidade e o reforço do papel político dos líderes comunitários são a prova da repercussão positiva do projeto *Tambou Lapè* em Bel-Air. 

HONRA E RESPEITO POR BEL-AIR

Área de atuação:

desenvolvimento comunitário

Diretor: Rubem César Fernandes

Orçamento regular anual:

US\$ 4.5 milhões

Efetivo: 200 funcionários

Presente no Haiti desde 2006, o Viva Rio tem um objetivo ambicioso a ser alcançado: a reabilitação urbana de Bel-Air por meio de um vasto programa que integra desenvolvimento, ajuda humanitária e segurança pública. Desde o início das atividades no país, o Viva Rio exporta tecnologias sociais inovadoras, que já foram experimentadas em favelas brasileiras. Para desenvolver as ações e projetos, o Viva Rio criou um centro comunitário, *Kay Nou* (nossa casa, em crioulo) bem no centro de sua zona de intervenção.

Programas:

Segurança comunitária: criação de Brigadas de Proteção Comunitária; acordos de paz; reinserção de crianças-soldado

Meio ambiente: construção de biodigestores, geradores de gás e tetos verdes

Água: implantação de sistema de captação de água da chuva e quiosques; apoio ao Estado no fornecimento de água potável

Lixo: gestão de resíduos sólidos, programas de limpeza de ruas e canais

Saúde: promoção da saúde nas escolas e programa de proteção às crianças

Cultura: aulas de artes, dança, música e capoeira

Parceiros:

Nacionais: Comissão Nacional de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (CNDDR); Central Autônoma Metropolitana de Água Potável (Camep); prefeitura de Porto Príncipe; prefeitura de Delmas; Direção Nacional de Água e Saneamento (Dinepa); Prefeitura de Citè Soleil e Departamento de Proteção Civil (DPC).

Internacionais: Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (ACDI), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Norwegian Church Aid (NCA), Action by Churches Together (ACT) Alliance, World Food Program (WFP) e Minustah.

Governamentais: governos da Noruega, do Brasil e do Canadá.

Bel-Air 100% limpa

Widlyn Dorneville

Bel-Air é uma das áreas mais vulneráveis do centro de Porto Príncipe. Apesar de sempre ter tido grande valor histórico e turístico, a região acabou por se tornar uma favela superpopulosa, onde se vive em condições subumanas.

Em 2008, ciclones que atingiram o país destruíram a pouca infraestrutura que servia à população. Logo em seguida, as chuvas que antecederam as comemorações do Carnaval de 2009 provocaram perdas e destruição. No início do ano, o terremoto que atingiu a capital destruiu grande parte do bairro.

O cenário de destruição se agrava por causa da má gestão do lixo. O canal Rockfeller, que atravessa boa parte da capital haitiana, tornou-se uma das maiores lixeiras a céu aberto da capital. Tanta quantidade de lixo interrompe a circulação da água fazendo com que, nos períodos de chuva, o nível do canal suba atingindo as casas e causando graves perdas materiais.

Em 2009, o Viva Rio lançou uma campanha de ação para limpeza

e saneamento da região que está inscrita em um programa maior e mais abrangente, o *Fatra pa ge pye* (que significa lixo não tem pernas, em crioulo).

O projeto visa não somente a limpeza dos canais da região, mas a criação de empregos para tentar minimizar as perdas e o sofrimento dos habitantes dos bairros próximos ao canal. A geração de mais de 1.400 postos de trabalho para os habitantes dessas localidades durante a execução da campanha contribui também para a redução dos índices de violência, facilitando e encorajando o desenvolvimento local.

Desde que o projeto foi lançado, em julho de 2009, até janeiro deste ano, antes do terremoto, resultados concretos já tinham sido conquistados. “A área agora é limpa e podemos circular sem grandes perigos de sermos sujos ou enlameados quando estamos indo trabalhar. Mas ainda há grandes esforços a serem empreendidos, pois a população ainda não está completamente consciente dos

efeitos positivos dessa iniciativa”, afirmou um morador da *Grande Rue*, conhecido *boulevard* de Porto Príncipe, antes do terremoto.

Depois do quarto mês de execução, os resultados eram encorajadores: durante as chuvas torrenciais que caíram sobre Porto Príncipe em outubro de 2009, e que deixaram certas localidades do centro praticamente intransitáveis, no baixo Bel-Air circulava-se sem muitas dificuldades.

O terremoto do 12 de janeiro de 2010 deu uma nova orientação ao projeto, que passou a contratar pessoas da própria comunidade para a remoção do entulho. O programa, chamado de *cash for work*, já trouxe resultados concretos: a *Grand Rue* já está bem mais limpa em relação às três primeiras semanas após o terremoto e o poder de compra da população que perdeu tudo aumentou.

“Trata-se de um projeto de grande importância que tem um grande impacto sobre o poder de compra da população que perdeu tudo o que tinha. Vamos insistir em acompanhar a população aumentando a quantidade de material e de equipamentos de coleta para atingir nosso objetivo: uma Bel-Air 100% limpa”, afirma Leonard Jean, coordenador do projeto. ▀



Mutirão para limpar o lixo acumulado após as chuvas.

Brigada de Proteção Comunitária: JOVENS FORMADOS PARA SERVIR

Joachin Guillaume

“Fomos formados para ajudar e proteger a população de Bel-Air e pressionar as autoridades locais em suas diferentes intervenções na região, a partir do momento em que recebemos um chamado”. Este é o compromisso de Micheline François, um dos membros fundadores da Brigada de Proteção Comunitária do Viva Rio (BPC).

Formados pelos militares brasileiros da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah), estes jovens são treinados para responder às demandas da população em primeiros-socorros, em casos de incêndio, inundações, entre outros.

A Brigada foi criada com o objetivo de reforçar as ações e instituições do Estado. A prefeitura de Porto Príncipe, o Ministério da Juventude, Esportes e Ação Civil (MJSAC), o Serviço Metropolitano de Coleta de Resíduos Sólidos

(MSCRS), o Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicações e a Polícia Nacional do Haiti (PNH) são os principais parceiros dessa equipe.

“A BPC, que conta com o apoio de organismos do Estado e internacionais já experientes nesse campo de atuação, tem como tarefa sensibilizar a população sobre as oportunidades e ameaças provocadas pelo lixo, além de intervir em períodos de desastre para impedir perdas humanas e reduzir perdas materiais”, explica Daniel Delva, responsável pelas relações institucionais do Viva Rio.

A iniciativa já produziu alguns resultados. Os moradores de Bel-Air hoje compreendem melhor, por exemplo, a necessidade de uma gestão responsável do lixo doméstico graças à campanha de sensibilização da BPC para divulgar o problema e ao trabalho dos seus integrantes

que reforçam as ações voltadas para a gestão do lixo no bairro.

Myrtho Lédesir, coordenador da Brigada, conta que entrou na BPC com o objetivo de formalizar as obras que ele tinha o hábito de fazer na área onde mora. “Para mim, é uma maneira de formalizar meu compromisso social em benefício da população. Sou de Bel-Air e me orgulho de fazer parte da Brigada, pois posso me comprometer sem medo com as ações de proteção da minha região, já que as pessoas terão mais confiança na minha experiência”, acrescenta.

Os membros da Brigada foram recrutados entre os habitantes de Bel-Air em função de suas competências e aptidões. A equipe é composta de moradores de diferentes localidades de Bel-Air, incluindo Delmas 2, Fort Tournon, La Saline, Fort National. Segundo Jude Pierre, avaliador dos candidatos, a estratégia de formação responde às demandas de uma equipe representativa, que reflete a repartição das zonas de intervenção do Viva Rio.

Com quase dois anos de existência, a BPC já marcou profundamente algumas localidades do baixo Bel-Air. Na noite de 12 de janeiro, os membros da Brigada deram prova de sua solidariedade e compromisso diante da tragédia vivida pela população. Segundos

Foto maior: Pedro Silveira. / Foto menor: Emerson Oscar.



Brigadistas auxiliam na ajuda aos desabrigados após terremoto.

depois do terremoto, já estavam mobilizados “Nós trabalhamos 24 horas por dia para ajudar a população impotente diante dessa catástrofe”, recorda Lédésir.

De fato, nos meses que se seguiram ao terremoto, os membros da Brigada não mediram esforços e competência participando regularmente de campanhas de distribuição de alimentos aos mais vulneráveis por meio Programa Alimentar Mundial (PAM).

Além da formação recebida pelo Batalhão Brasileiro em primeiros socorros, combate ao fogo, resgate no mar, gestão de conflitos, a *Action by Churches Together* (ACT Alliance) capacita os integrantes da Brigada em temas como violência de gênero; bem-estar na comunidade, resgate aéreo, comunicação de grupo, entre outros.

Myrtho Lédésir manifesta sua satisfação e reitera que a participação da comunidade é fundamental. “Os agentes da Brigada não poderiam fazer bem o seu trabalho sem a participação da população. Vamos estimular a colaboração dos diferentes atores da comunidade e estou convencido de que vamos obter resultados ainda melhores”, afirma, otimista.

O vice-coordenador da Brigada, Seide Marc Jean Mary, acredita que cada bairro vulnerável deve ter sua própria Brigada. “O grupo daria assistência e proteção, além de contribuir com a formação de membros da comunidade para dar respostas rápidas que poderiam salvar vidas”, opina.

Três meses depois do terremoto, no dia 26 de abril, um grande incêndio arrasou várias seções de

um dos maiores centros comerciais de Porto Príncipe no centro histórico, próximo a Bel-Air. Segundo o diretor geral dos Mercados Públicos, Alain Augustin, o fogo consumiu 15 depósitos e destruiu grande parte do estoque de arroz e de madeira.

A Brigada se apresentou imediatamente no local do incêndio. “Nós comparecemos rapidamente e ajudamos os bombeiros que trabalham sem equipamentos e com uma quantidade insuficiente de água”, conta Morisset Guinson, responsável pela seção de Meio Ambiente da BPC.

A Brigada é formada por 31 membros (mulheres e homens) representando cada zona do bairro e tem seu trabalho dividido em quatro aspectos: meio ambiente, saúde, gestão de conflitos e violência doméstica. ■

Água para todos e perto de todos

Joachin Guillaume

Localizado no centro de Porto Príncipe, o bairro de Bel-Air sofre com a deficiência de serviços sociais básicos – e a água é um deles. A água é tão escassa na região que, conforme apontou um estudo realizado pelo Viva Rio em junho de 2007, ali a água é vendida por um valor sete vezes maior do que em países da Europa. Daí nasceu o projeto “Dlo Fanm Sante” (“Água, Mulheres e Saúde”), ainda mais pertinente depois do terremoto que sacudiu a capital Porto Príncipe.

A iniciativa consiste, num primeiro momento, em colocar a água potável à disposição de toda a população de Bel-Air reduzindo, assim, os riscos de contaminação e de doenças causadas pela utilização de água não tratada. O projeto visa ainda a diminuir o preço da água na região. A tecnologia usada é tão simples quanto eficiente: após ser captada das chuvas nas lajes de escolas da região, a água é tratada com



Caminhões abastecem quiosques com água limpa.

cloro e filtrada com carbono, para depois ser distribuída gratuitamente às crianças, principais beneficiadas com o projeto.

Mais de 20 locais de captação de água fornecem água potável para cerca de 22 mil estudantes.

Editem este primeiro parágrafo para eliminar 5 palavras pois tive que usar o texto super apertado para fechar a matéria.

A iniciativa diminuiu as queixas de dores abdominais que eram frequentes nas crianças. É o que afirma a enfermeira Dilène Jourdain, da escola Exército da Saúde de Delmas 2. “Logo que cheguei aqui, registrávamos muitos casos de febre, mas aos poucos esses casos diminuíram bastante”, alegra-se.

Algumas centrais de tratamento oferecem também água aos habitantes das vizinhanças e muitas outras bases de captação e tratamento estão sendo construídas em outras escolas do bairro. As bases são administradas por comitês de gestão formados pelos próprios alunos – o que estimula o desenvolvimento do senso de liderança entre os jovens, aprimorando, assim, seu papel de cidadãos ativos na comunidade e contribuindo para mudanças positivas no bairro.

Além do foco nas escolas, o projeto também inclui a construção de quiosques públicos onde a população pode obter água a um preço muito inferior ao cobrado hoje. “A melhora é visível, pois os habitantes não precisam mais percorrer uma longa distância para encontrar água. Eles a encontram muito perto de suas casas e a um preço bastante acessível”, afirma Rochena Seide, responsável por um dos quiosques. Oito deles (Fort Touron, La Saline, Grande Rue, Delmas 2, Mariella, Marinette, Pont Rouge, Wharf Jérémie) já foram construídos e dois outros estão em fase de conclusão.

O terremoto veio dar outro peso às intervenções do Viva Rio no que



População tem acesso à água limpa com sistema que coleta água da chuva.

diz respeito à água. Com mais de 30 mil pessoas instaladas em barracas só na zona de Bel-Air, a necessidade do acesso à água se multiplicou. Com o apoio da *Norwegian Church Aid*, antigo parceiro e financiador do projeto Honra e Respeito por Bel-Air, foram rapidamente instalados mais de 15 pilotanques - reservatórios plásticos móveis (com 10 mil litros) - nos abrigos atendidos pelo Viva Rio e na própria sede. “Esses reservatórios dão acesso à água a mais de 10 mil refugiados instalados no *Parc La Paix*, no asilo comunal e no terreno da antiga Companhia de eletricidade (Teleco)”, explica Denis Dubuche, coordenador do projeto.

Cinco caminhões fazem até seis viagens por dia, abastecendo em média de 25 a 30 pontos de acampamentos. Os 12 reservatórios localizados em escolas que não foram afetados pelo terremoto e que recebiam água de chuva antes do terremoto, agora são abastecidos pelos caminhões. Existem também sete quiosques que recebem água no interior das comunidades de Bel-Air.

Vivendo em barracas, os refugiados do *Parc la Paix* recebem

uma quantidade racionada de água diariamente. “Nós recebemos essa água regularmente, mas precisamos de mais. Precisamos de comida para nossas crianças e a ajuda humanitária se faz rara aqui em Bel-Air”, confessa Edouard Sainvil, que vive com seus cinco filhos no terreno que era da Teleco.

Paralelamente à construção das bases de captação de água da chuva e dos quiosques públicos, alimentados pelo caminhão da organização, o Viva Rio está engajado também em uma parceria com a Central Autônoma Metropolitana de Água Potável (Camep) para ampliar a capacidade de abastecimento do reservatório Nord Alexis, que hoje dispõe de capacidade de 508 mil galões (um galão corresponde a 3,7 litros). As obras já começaram e em breve este reservatório será abastecido pelo menos três vezes por semana.

Embora existam esforços concretos voltados para o programa, ainda não há garantia de que o problema vá ser resolvido completamente. A preocupação existe porque a instalação dessa tecnologia é diferente de sua gestão. Por isso, é necessário reativar os comitês de gestão, capazes de assegurar a continuidade dos investimentos. A hora agora é de reconstrução e o Viva Rio pretende continuar com a construção de mais locais de captação de água da chuva e consertar os locais que foram destruídos pelo terremoto.

Sim, Bel-Air é verde!

Jochin Guillaume

Bèlèvet era um dos conceitos mais comuns nas ruas de Porto Príncipe nos últimos meses antes do terremoto de 12 de janeiro. *Bèlèvet* (que, em crioulo, significa Bel-Air verde) é uma campanha coletiva dos habitantes de Bel-Air, que protestam contra a contínua estigmatização de seu bairro e reivindicam sua requalificação na carta de segurança da ONU. Hoje, o bairro é considerado zona vermelha com relação à segurança. Ou seja, é uma área em que os civis precisam de escolta para entrar por causa da violência.

A campanha iniciada em maio de 2009 percorreu várias etapas até conseguir incentivar e convencer a ex-primeira ministra haitiana Michèle Pierre-Louis a tornar-se defensora principal da causa: transformar o bairro em uma zona verde.

O presidente da Comissão Nacional de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (CNDDR), Alix Fils-Aimé, pede o engajamento e o compromisso com os investimentos para o

desenvolvimento na região. “A situação de segurança no país, particularmente em Bel-Air, estava muito melhor no final do ano passado graças a uma sinergia entre as ações da Polícia Nacional do Haiti (PNH), da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah), da CNDDR e dos habitantes das áreas consideradas ‘zonas de não-direito’. Agora é hora de investirmos”, lembrou Fils-Aimé.

Os habitantes de Bel-Air já expressaram seu desejo de reconsideração do estatus do bairro no plano de segurança concretamente: mais de 40 mil deles assinaram uma petição que circulou em todas as ruas e casas da região. À campanha foi associada à idéia de transformar o bairro em uma zona verde também ecologicamente. Para isso, foi criada uma cooperativa, a Coobelav, que promoveu o plantio de cinco mil mudas de árvores e um concurso de pintura envolvendo dezenas de artistas. “Ter de novo uma Bel-Air verde é, para nós, um desejo, mas, sobretudo, um engajamento de cada um”, declara entusiasmado um jovem habitante de Bel-Air.

Os moradores afirmam com orgulho que o bairro histórico da capital está estabilizado e querem contribuir para que esta situação permaneça. É preciso lembrar que, em 2005 e 2006, a segurança

da região era tão precária que até mesmo a Polícia Nacional temia a violência. Grande parte da população foi obrigada a se mudar – um censo realizado pelo Viva Rio em 2007 revelou que 43% da população de Bel-Air já precisou se mudar para escapar da violência.

O sucesso da campanha Bel-Air é Verde mostrou que a região estava aberta aos investimentos antes da tragédia. Várias lojas que já precisaram, em algum momento, fechar suas portas devido à violência antes do terremoto que atingiu a capital Porto Príncipe, estavam retornando às atividades para oferecer serviços a essa camada da população desprovida de quase tudo.

Agora, o Viva Rio pretende dar prosseguimento à campanha, mas no seu sentido ecológico. É que o tremor que atingiu Porto Príncipe destruiu o presídio federal e os presos fugiram e voltaram para suas áreas de origem, incluindo Bel-Air, o que levou a um aumento da violência na área.

O projeto se chama Telhados Verdes e se baseia em uma tecnologia utilizada em alguns países da Europa, que implementa a agricultura sobre os telhados das casas, contribuindo para dar um aspecto mais verde à região. Bel-Air, definitivamente, não é mais a mesma. Contudo, os esforços precisam ser intensificados agora, mais do que nunca. ■



Painel representa uma Bel-Air verde.

Capoeira

estimula diálogo entre JOVENS do Haiti

Marina Lemle

Quando chegou ao Haiti, em 2009, para implantar o projeto Gingando pela Paz no país, o contramestre de capoeira Saudade - cujo nome de nascimento é Flávio Soares - tinha dificuldade de dialogar com as crianças que seriam suas alunas. Elas não o olhavam nos olhos e brigavam por qualquer coisa. Hoje, capoeiristas, não se comportam assim.

“A percepção que tenho é de uma mudança muito grande de comportamento. Vemos menos discussões, sentimos que as crianças estão sendo mais amigas umas das outras, mais companheiras. Elas cuidam mais do seu espaço e fortaleceram a noção de grupo e de família”, diz Saudade.

O professor conta que as crianças no Haiti são muito violentadas e têm uma carência muito grande. Além disso, por terem sido muito reprimidas desde pequenas, não sabem dialogar.

“Na escola, pelo que ouvimos falar, ainda se usam mecanismos de educação muito rígidos, como chicotes. Então a criança não consegue externar as suas emoções e, logo, não consegue trabalhá-las. Utilizamos a capoeira para que as crianças possam entrar em contato com as suas emoções e dominá-las. A agressividade é uma constante no

ser humano. É preciso canalizá-la de uma forma positiva. É o que a gente faz no projeto”, explica.

No primeiro ano de funcionamento, o Gingando pela Paz atendeu a cerca de 200 alunos, a grande maioria proveniente do Bairro de Bel-Air, em Porto-Príncipe. No final de 2009, o projeto realizou o seu primeiro grande evento, o batismo e a entrega de graduações da sua primeira turma - cerca de 150 crianças. Sob o tema “A Capoeira pela união dos povos e um mundo sem violência”, todos receberam o nome de capoeira, que acompanha o capoeirista por toda sua vida, e a sua corda.

Saudade conta que, após o terremoto do dia 12 de janeiro, o número de alunos duplicou sendo que a maior parte deles era residente do campo de refugiados de Kay Nou. A maioria dos alunos do Gingando pela Paz tem entre sete e 14 anos de idade.

Para absorver o aumento repentino do número de alunos e responder à situação de emergência, foram introduzidas novas atividades para atender a crianças de até seis anos de idade. “Um dos objetivos do projeto era oferecer um primeiro atendimento pós-trauma para



minimizar possíveis sequelas do terremoto”, conta o contramestre.

De acordo com Saudade, a abordagem pedagógica é o diferencial do trabalho. Os educadores utilizam a capoeira como ferramenta para estimular o desenvolvimento social e humano das crianças e jovens, para que possam descobrir seus potenciais e vencer suas limitações. Com a absorção de novos valores e do seu próprio reconhecimento como pessoa, eles se preparam para ser protagonistas de sua própria história.

“Na roda de capoeira a pessoa joga com outra, mas na verdade está lidando é consigo mesma – seus impulsos, limitações, medos, inseguranças. O aluno passa a se perceber como indivíduo e enxergar que há vários caminhos para se realizar como ser humano”, ensina.

Saudade acrescenta que a capoeira ensina que não se deve olhar só para frente e nem desistir ao primeiro obstáculo que apareça. “Basta dar uma gingada para mudar o ponto de vista e visualizar outras frentes, com um universo de alternativas. Um garoto cujo único sonho é ser um jogador de futebol famoso tem grandes chances de acabar frustrado”, observa.



Saudade é responsável pelo projeto Gingando pela Paz que atende a 150 crianças em Bel-Air.

O projeto começou com 15 alunos, a maioria crianças em situação de rua, órfãos e que faziam parte de grupos de rua atendidas pelo projeto social conduzido pelo Viva Rio no Haiti, que oferece escola e atendimento médico aos menores. Hoje, graças ao boca-a-boca das próprias crianças, o Gingando pela Paz já atende a 150 crianças e jovens de ambos os sexos e a tendência é este número aumentar.

No início, para lidar com as crianças, Saudade teve o apoio de um tradutor que aprendeu português com o Exército brasileiro. Agora já se vira em crioulo e em francês, e as crianças também já falam um pouquinho de português. “A capoeira é a maior embaixatriz da língua portuguesa no mundo, até mais do que a música, porque a relação com a capoeira é necessariamente de vivência”, filosofa.

No Haiti, Saudade já teve a ajuda de outros capoeiristas, inclusive mulheres. No momento, ele conta

com a ajuda de dois instrutores e um monitor. Mas o objetivo é ampliar os quadros para que o projeto possa ter turmas também no norte e no sul do país.

Para o contramestre, a presença da figura do educador é fundamental porque no Haiti muitas crianças ficam o dia todo na rua e acabam se pendurando nas

gangues juvenis, em busca de uma forma de afirmação. Nesse contexto, os educadores de capoeira passam a ser um referencial de homem e de pai - que muitas vezes não está presente.

“A capoeira oferece a família, a figura masculina essencial e a afirmação, porque a criança passa a ser um capoeirista, e isso tem um significado muito importante, porque ela passa a ser alguma coisa, a se identificar e se sentir parte daquilo”, diz.

Ele destaca ainda o papel da mulher capoeirista no projeto. “A figura feminina é importantíssima porque dentro de uma cultura machista uma mulher com voz ativa e participação inspira uma ruptura de valores e faz com que tenham uma outra visão da mulher”, sugere.

Qualificação de educadores

A qualificação de educadores brasileiros é outro objetivo

importante do projeto. Eles ganham experiência e status profissional após um período no exterior. Saudade dá como exemplo o pernambucano Ligeirinho, que depois de trabalhar no projeto no Haiti vai voltar ao Recife para replicar a metodologia em projetos sociais.

“Queremos levar um contingente de capoeiristas para intercâmbios. Quem vai a trabalho para o exterior e volta tem a sua imagem fortalecida em sua comunidade e passa a ser uma referência”, afirma Saudade.

Ele próprio é um caso de sucesso da aliança entre a capoeira e projetos sociais. Nativo do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, aos 21 anos estava em situação de risco, sem o ensino fundamental e, portanto, sem conseguir emprego. Foi quando participou como capoeirista do concurso Jovens no Zimbábue, representando o Viva Rio e o Conselho Mundial de Igrejas. Saudade passou a trabalhar como voluntário do Viva Rio, fez um intercâmbio na Alemanha pelo programa Luta Pela Paz e participou de encontros internacionais na África, na Espanha e na Irlanda do Norte.

Em 2003, criou o projeto Gingando pela Paz, que teve participação importante na campanha pelo desarmamento. “Conseguimos o apoio de 53 mestres e reunimos mais de 700 pessoas na Caminhada Gingando pela Paz” conta. “A capoeira também é uma grande ferramenta para a mobilização e a conscientização popular.”

Kay Nou

A PAZ É A SAÍDA

Mariana Mello

Colaborou Daniela Bercovitch

O terremoto de 12 de janeiro de 2010 representou uma mudança no curso de muitas vidas haitianas. Uma nova realidade regida pela emergência e pela solidariedade se instaurou no país após a catástrofe. Em Kay Nou (“nossa casa”, em crioulo), sede do projeto Honra e Respeito por Bel-Air, do Viva Rio, na capital Porto Príncipe, não foi diferente.

Logo após o terremoto, Kay Nou foi transformada num imenso acampamento que abrigou mais de 400 famílias e se tornou um dos acampamentos mais bem estruturados e organizados de Porto Príncipe: um verdadeiro complexo de atendimento às vítimas e sobreviventes.

As tendas improvisadas com lençóis logo deram lugar a tendas importadas doadas pela *Norwegian Church Aid*. Kay Nou ganhou infraestrutura de acampamento oficial com água potável, alimentos, sistema de higiene adequado, equipamentos de emergência, atendimento médico e psicossocial.

O socorro inicial foi desempenhado essencialmente pela Brigada de Proteção Comunitária, um grupo formado por homens e mulheres treinados para situações de emergência, proteção a grupos vulneráveis e mediação de conflitos.

“A Brigada trabalhou intensamente para nos ajudar, prestando primeiros socorros e ajudando os bombeiros brasileiros a retirar feridos ou mortos de baixo dos escombros”, elogiam Freda Louis e Georges Jose, um casal de Portail St. Joseph, na Grande Bel-Air, que se abrigou em Kay Nou após perder a casa durante o terremoto.

Além de todos os cuidados prestados às famílias abrigadas, foram realizados dois censos dentro de Kay Nou. “Constatamos uma população fixa em Kay Nou de mais ou menos 1.800 pessoas”, afirma Myrtho Lédésir, chefe da Brigada de Proteção Comunitária.

Kay Nou era um espaço diferente e o fato de ser um dos melhores acampamentos de Porto Príncipe servia como atrativo para pessoas de outras partes da cidade tornando-se uma referência para os haitianos.

Entre os diferenciais de Kay Nou, estava a manutenção das aulas de capoeira do projeto *Gingando pela Paz*, como conta Ubiratan Ângelo, coronel da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Ângelo é consultor do Viva Rio no Haiti na área de Segurança Comunitária desde 2008

e responsável pela estruturação da Brigada de Proteção Comunitária.

“Lá, as crianças e jovens puderam continuar a frequentar as aulas de capoeira que foram adaptadas à situação de emergência. Além disso, os desabrigados tinham expectativa de trabalho temporário e oportunidade de geração de empregos”, conta Ângelo.

Mas as atividades do centro comunitário tinham que ser retomadas e a saída das famílias foi negociada pacificamente, permitindo que a população abrigada e o Viva Rio retomassem a rotina de antes do terremoto que deixou milhões de desabrigados e provocou a morte de mais de 200 mil pessoas, segundo dados do próprio governo do Haiti.

“Expusemos com clareza e simplicidade os problemas e os



Myrtho Lédésir é chefe da Brigada.



O acampamento de Kay Nou antes (menor) e depois de estruturado (maior).

prejuízos que a manutenção do acampamento em Kay Nou geraria aos projetos do Viva Rio e para as comunidades que deles se beneficiavam”, explicou Ubiratan Ângelo. Após a convocação dos chefes de todas as famílias, os termos do acordo foram estipulados: cada família receberia a tenda na qual estava morando e mantimentos por três meses.

Ainda foi acordado que uma criança de cada família teria direito a uma bolsa de estudos do projeto *Tambou Lapè* durante um ano. A garantia de assistência especial à saúde de crianças de até dois anos e suas respectivas mães também foi estabelecida no acordo.

A negociação estipulava a saída de todos de Kay Nou até o dia 10 de abril. Porém, no


dia 4 de abril, o acampamento amanheceu vazio. Em um dia, cerca de 1.700 pessoas deixaram o campo, aproximadamente 80% da população de desabrigados. “Nossa ideia era fazer um trabalho de sensibilização da população desabrigada, mas não houve tempo suficiente para completá-lo”, revelou Lédesir.

Mesmo assim, em duas semanas todos foram atendidos. Segundo levantamento do Viva Rio, cerca de metade das famílias havia voltado para suas casas, 35% tinham ido para casa de familiares, e um pequeno percentual foi para outros acampamentos ou ficou morando na rua.

Com a retomada do espaço físico de Kay Nou, já começaram obras de recuperação dos edifícios afetados pelo terremoto para que as

atividades que eram desenvolvidas em Kay Nou sejam retomadas.

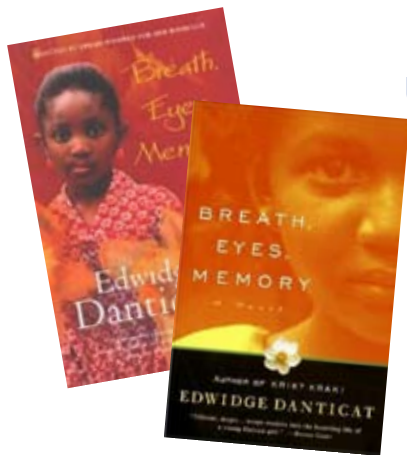
As reuniões do projeto *Tambou Lapè* com líderes comunitários, o Batalhão Brasileiro (Brabat) e a Polícia Nacional já voltaram a acontecer na sede. A captação de água da chuva e a prática de esportes, principalmente a capoeira, também já estão funcionando, assim como o projeto *Telhados Verdes*, em que são plantadas árvores nos telhados das casas para arborizar e tornar mais verde a cidade de Porto Príncipe.

O biodigestor, equipamento que produz energia a partir de dejetos humanos, está sendo reconstruído, assim como a clínica médica. Enquanto isso, a administração ficará funcionando na casa do Viva Rio em Pacot, outro bairro de Porto Príncipe, fora da Grande Bel Air, até que os projetos retomem por completo o ritmo normal. 

Edwige Danticat

filha de Bel-Air:

UMA NOVA ESTRELA NO MUNDO LITERÁRIO INTERNACIONAL



Widlyn Dorneville

A riqueza cultural é um dos pontos fortes dos haitianos. Sua capacidade criativa está sempre impressionando o mundo – prova disso são os escritores Dany Laferriere, Lyonel Trouillot e Gary Victor, que brilham como estrelas no cenário nacional e internacional.

Agora, Edwige Danticat, filha do bairro histórico de Bel-Air, acaba de se juntar à lista: ela ganhou o prêmio concedido pela Fundação MacArthur, dos Estados Unidos, popularmente conhecido como “prêmio dos gênios”.

Edwige Danticat nasceu em Porto Príncipe em 1969. Viveu ali até os 12 anos, quando se mudou para o bairro do Brooklyn, em Nova York, nos Estados Unidos, para encontrar seus pais. Mesmo assim, ela soube extrair o melhor de Bel-Air, origem também de outros grandes escritores haitianos, como Franck Etienne.

Sua história foi marcada pelo sucesso. Edwige é única, assim como o seu estilo de escrever.

Suas obras fazem a alegria de um público diverso: desde amantes do romance aos apaixonados por antologias e novidades. E os jovens também têm espaço em sua produção literária.

Embora tenha vivido em terras estrangeiras desde muito jovem, Edwige jamais cortou os laços com suas raízes haitianas. Pelo contrário, o país está sempre muito presente em sua obra. “Em algum momento, nós deixamos o Haiti, mas o Haiti nunca nos deixou. E penso que isso explica o porquê de o Haiti estar presente em minha obra. Não importa onde vivamos, o Haiti não nos deixa nunca. Por isso, não há haitianos de Flatbush, de Miami, da África ou mesmo do Haiti: somos somente um povo, somos haitianos e aquele que bate em um de nós atinge todos os outros”, contou Edwige, em uma entrevista concedida ao jornal semanal “Haiti em marcha”.

O prêmio que Edwige acaba de ganhar revelou à escritora uma verdade sobre o povo haitiano: ela compreendeu que não é somente em ocasiões trágicas que os haitianos se unem. Por isso, ela crê que o prêmio é uma vitória para cada haitiano. Após a vitória, ela está sendo solicitada por toda parte,

por haitianos de todo o mundo. “Quando algo de bom acontece a um de nós na vida, isso alegra todos”, ela esclareceu.

Edwige começou sua carreira literária ganhando, já em 1994, um prêmio de ficção. Desde então, ela acumulou várias premiações – em 1995, 1996, 1999, 2002, 2005, 2008 e 2009.

O prêmio da Fundação MacArthur é concedido a pessoas que provam ter um talento extraordinário. A intenção é encorajá-las a dar prosseguimento aos seus centros de interesses profissionais, criativos ou intelectuais.

Além da reputação, o ganhador recebe um prêmio em dinheiro no valor de US\$ 500 mil. Com esse dinheiro, Edwige pretende fazer uma pausa nas atividades de professora para voltar a se dedicar mais à escrita. Ela quer dar mais atenção ao bairro de Bel-Air, que também sofreu as conseqüências do terremoto de janeiro e precisa de ajuda para a retomada de confiança e a responsabilidade coletiva da população para lutar por mudanças positivas. Bel-Air, por sua vez, espera se ver, uma vez mais, nos próximos textos de Edwige. ■

Kèkè

A ARTESÃ

Joachim Guillaume

Em Bel Air, o sopro da cultura e da arte abraça a todos. E Marie Ketty, de 42 anos, todos vividos em Porto Príncipe, não foi uma exceção a essa regra. No ateliê do artesão Edgard, de bolsas bordadas com lantejoulas, que fica na esquina da rua Macajoux, ela aprendeu a arte de bordar observando seu mestre. Com o tempo, sua curiosidade e talento a transformaram em uma artista brilhante.

As bolsas e bandeiras são duas especialidades de Marie Ketty, mas ela também produz ventiladores, lâmpadas e garrafas para as cerimônias vudu. Kèkè, como é conhecida, vende suas peças mais para estrangeiros do que para a população local – com exceção dos *hougans*, que utilizam as bandeiras em diferentes cerimônias religiosas.

É essa clientela que movimentou o negócio de Kèkè, que ama o que faz há mais de 20 anos. “Sou muito ligada ao que faço. Realizo outras atividades, mas sou capaz de parar tudo pelo artesanato, mesmo que ele não me proporcione o lucro que eu desejo”, ela conta.

Compromisso e liderança

Kèkè faz parte da Coordenação de Artistas e Artesãos de Bel-Air (Caabel) e da associação Mulher

A artista na porta de seu ateliê em Bel-Air.



em Democracia e foi eleita presidente da organização *Fanm Atizan Bèlè* (Mulheres Artesãs de Bel Air) há quatro anos. Neste grupo de 21 mulheres, Kèkè coordena, negocia e faz mediação de conflitos. Kèkè estava convencida que seria reeleita para a presidência do grupo, cujas eleições aconteceriam no início de 2010, já que, segundo ela, os resultados de seu trabalho falam por si mesmos. “Faço bem meu trabalho”, assegura.

Kèkè esperava ansiosamente pelas eleições quando a natureza furiosa obrigou a todos os habitantes de Porto Príncipe a mudar de planos. Mas a motivação de Kèkè e de seus pares continua intacta. “Continuamos o nosso trabalho que é o que sabemos fazer melhor e não vamos parar apesar da queda de vendas de nossos produtos depois do 12 de janeiro. Infelizmente, perdemos uma colega, Yrna Jean Louis, a tesoureira do *Fanm Atizan Bèlè*, mas somos fortes e aguentamos o tranco”, afirma, otimista.

Kéké ainda guarda a esperança de continuar a contribuir para

mudanças positivas dentro de sua comunidade. “Acho que Bel-Air pode se recuperar e a principal arma é a arte, o artesanato e a cultura. Basta apoiar os artistas e artesãs. Eles são os criadores”, acredita.

Kèkè, que acredita no poder da educação, tem dois filhos. E fala com orgulho do sucesso escolar de ambos: eles nunca repetiram sequer um ano na escola. “Meu marido perdeu o emprego em 2004 e, desde então, crio sozinha meus filhos”. Depois da escola, eles aprendem também o artesanato, para que possam perpetuar a tradição familiar.

Marie Ketty acredita no futuro. Segundo ela mesma afirma, ainda não conseguiu tudo que queria, mas sempre lutou – e quer continuar a lutar. Seu maior sonho é ter um lugar para expor seus produtos e poder vendê-los, para que todos saibam que Bel-Air é capaz de fazer bons produtos. Kèkè faz parte da esperança do bairro e até mesmo do país. Sua coragem e sua determinação não têm limites. ■